

# **A Presença do Outro**

**Curso Livre do ICP-RJ realizado no primeiro semestre de 2009  
na Seção-Rio da Escola Brasileira de Psicanálise  
por Marcus André Viera.**

Transcrição e pesquisa inicial de referências: Leandro Reis

# Índice

## **I - Alteridades**

Da alteridade .....	
Outra alteridade .....	
Anti-evolucionismo freudiano .....	
Voz e Olhar .....	
Ressonâncias .....	
Vozes alucinadas e vozes musicais .....	

## **II – A voz e o Outro**

Os “a”s da presença .....	
O objeto-voz entre eu e Outro .....	
O Imperador está surdo? (uma entrevista) .....	
Palavras .....	
A voz é polifônica .....	

## **III – Isso é um insulto!**

Neurologia e sensorium .....	
Atribuição e percipiens .....	
Injúria e certeza .....	
“Porca” e atribuição subjetiva .....	
S1 e sujeito .....	
EssesUm e o grão da voz .....	

## **IV – As formas da certeza**

O caso da cena imposta .....	
Palavras impostas, cena posta .....	
A extração da voz .....	
As formas da certeza .....	
A conexão da voz .....	
O Corpo do Analista e o DSM .....	

## **V – Entardecer**

Fala, texto e significante .....	
Linguagem .....	
Passaporte para o sentido .....	
Alucinação e canção .....	
Sacrifício, assassinato e lálálíngua .....	
Trovão, tambor, Nietzsche e João Gilberto .....	

## **VI – Tônica e dissonante**

Três interpretações .....	
Analista Outro... ..	
Tonal .....	
Modal .....	
A tônica equívoca .....	

## **VII – Ritmos**

Texto, furo e objeto .....	
A sequência dos objetos .....	
O ritmo .....	
A voz afônica da onça .....	
A voz de Noel .....	
Dissonância e surpresa – outro João .....	

## **Bibliografia**

### **Anexos**

Sobre as alucinações entre os doentes mentais surdos mudos .....	
Forclusão: uma cena primária é imposta, por Simone Oliveira Souto (e comentários por Sérgio Laia) .....	
Na primeira pessoa, o estatuto da experiência alucinatória, por Guilherme Gutman .....	
As dissonâncias e o gênio João, por Adriano Aguiar .....	
Modos, Tons Diabos e outros Batuques, por Lourenço Astua .....	

## IV – As formas da certeza♦

Certeza na psicose e certeza na análise

### O caso da cena imposta

O caso que discutiremos hoje atesta a presença do Outro pelo avesso, pois no plano dos fenômenos não há alucinação. Por isso mesmo nos interessará. É um caso de um SERSAM de Belo Horizonte, de Simone Souto, nossa colega da EBP que foi apresentado em uma Jornada da EBP-Minas e que foi muito precisa e ricamente comentado. Antes da Jornada por Sérgio Laia e nela própria por Eric Laurent. Remeto vocês ao *Curinga n. 14*, a publicação da EBP-Minas onde vocês encontrarão não apenas o caso quanto os comentários.<sup>1</sup>

Para nossos propósitos, nos restringiremos ao ponto que nos interessa, pois, de modo análogo ao caso do Imperador, só podemos considerar que há alucinação se a vincularmos ao percipiens e não ao sensorium. Lembrem-se: no Imperador não poderia haver sensorium, pois ele era incapaz de ouvir por defeito congênito no sensorium. Aqui como ali, por outras razões, a alucinação terá que ser creditada ao par perceptum-percipiens.

Outra coisa para a qual esse caso ajuda é para demonstrar como nem sempre delírio e alucinação, os ditos sintomas produtivos da psiquiatria, são necessários para definir a psicose, pois como afirma Simone: “M. nunca nos forneceu qualquer indício de fenômenos alucinatórios ou de delírio manifesto”.

De fato, do ponto de vista dos sintomas, o que se apresenta é uma desorientação. Ela se perde, erra pela cidade e depois se encontra.

A primeira crise, segundo o relato de M., foi em 1994, por ocasião da amputação da perna da mãe: ela e a irmã foram convocadas a assinar a autorização para a cirurgia, mas M. sequer chegou a dar sua assinatura, pois no dia, segundo suas palavras, “perdeu a noção das coisas” — saiu vagando pelas ruas, perdeu as chaves, os documentos e “custou a achar o rumo de casa”.

Podemos compreender a dificuldade inicial do ponto de vista psiquiátrico: o diagnóstico de psicose se faz com base em elementos discretos e não imediatamente evidente. O que é evidente é a errância e uma agitação maníaca ou, como descreve Simone retomando os termos da psiquiatria: ela apresentava um “quadro maniforme, com humor elevado, agitação psicomotora e fluxo de ideias acelerado”.

Dizia: “quando vejo, já fiz”. Comprava compulsivamente, a ponto de, numa ocasião, gastar dois talões de cheque em um dia. Fazia dívidas no cartão de crédito e, uma vez que não tinha como pagá-las, vivia às voltas com cobradores e com oficiais de justiça que, por vezes, a procuravam inclusive no CERSAN Noroeste. Em outras ocasiões, chegava distribuindo suas roupas e objetos pessoais ou, em um movimento contrário, realizava uma verdadeira via sacra, visitando parentes para se queixar de sua miséria e pedir dinheiro.

Não ficaremos debatendo diagnóstico. Não é preciso grandes conhecimentos psicológicos ou psicanalíticos para dizer que há ali uma ruptura de uma qualidade distinta àquelas compreensíveis. Há uma ruptura cujos efeitos subjetivos vão além do que se possa entender, compreender, explicar, compatibilizar. Já nos ajuda a dizer que estamos em outra estrutura. Isso, junto com os elementos que a analista vai reunir, sobretudo na relação do sujeito com o Outro, autoriza o diagnóstico de psicose.

A mãe da paciente teve de amputar a perna e ela deve assinar em nome da mãe para que a cirurgia fosse feita. Podemos chamar isso de desencadeamento, porém, este não se dá sob a forma delirante, mas sob uma espécie de errância.

Tentando sistematizar rapidamente. A psicose nesse sujeito se manifesta seguindo dois eixos principais. O primeiro é o da mania, essa excitação sem sentido. E o outro eixo que seria o da

paranóia no sentido da perseguição. Como diz Laurent: “o sujeito oscila entre, por um lado, esse aspecto da paranóia do lado do pai e, pelo lado da mãe, do retorno de gozo e a mania”:<sup>2</sup>

Esses períodos de “mania” eram também invariavelmente marcados por acusações com relação ao marido por agressão e estupro. M. dizia que o marido a espancava e a obrigava a fazer sexo anal com ele, e isso era para ela inadmissível. Tais acusações resultavam em denúncias à Polícia, exames de corpo delito na Medicina Legal e em aberturas de processos dos quais, posteriormente, ela arrendia-se.

Para nossos propósitos, vamos colocar ênfase no eixo paranóico, mais do que no maníaco. É ele que responde por essas tentativas de organização fundamentadas em interpretações delirantes. Temos exemplos muito precisos disso:

Por ocasião de um desses episódios, chegou ao CERSAM Noroeste muito agitada, dizendo que estava evacuando sangue e vomitando. Tudo havia começado quando foi à casa da mãe (onde também moravam a irmã, o cunhado e os sobrinhos) e encontrou, nas suas plantas, um fusível, uma ficha telefônica e um bilhete onde estava escrito “Deus perdoe Maria Madalena”. Esses objetos teriam sido colocados lá por sua irmã e seriam dirigidos a ela. M. faz deles a seguinte interpretação: fusível e ficha telefônica — “se liga”, Maria Madalena — “puta”. Ela, então conclui que a mensagem era: “se liga, você é uma puta”.

No episódio seguinte, encontra o sobrinho na sala da casa da mãe segurando um galo. O sobrinho lhe diz que o galo chama-se Marcelo, nome do marido de M. Ela conclui: “então, eu sou a galinha”. M. relata ainda que, na divisão dos bens de sua família, a casa ficaria para sua irmã, o barracão dos fundos para o irmão e, para ela, sobraria como herança o galinheiro.

O sobrinho lhe diz que o galo chama-se Marcelo, nome do marido de M. Ela conclui: “então, eu sou a galinha”. “Puta” e “galinha”, aqui, não são exatamente alucinações auditivas, no sentido da psiquiatria. Mas é como se fosse. Simone destaca o termo “imposto” para falar dessa cena que estrutura a partir da extração de uma fala que vem firmar um enquadre para a presença do Outro. Ela destaca toda a cena que é imposta e valoriza o fato de que é uma cena “primária”. Nada mais há a buscar antes dela, o que igualmente destacam, entre outras coisas, os comentários de Eric Laurent.

## Palavras impostas, cena posta

Estamos seguindo este esquema apenas colocando o foco sobre a tensão entre o objeto voz extraído do Outro de um lado e tudo o que se estrutura como sentido e delírio a partir dele, de outro. Nessa tensão alguma coisa se amarra ao modo de uma conclusão imposta que não é originada de elementos anteriores, mas quase que institui esses elementos e é essa amarração que passará a sustentar o sujeito. É o que assinala o “então”, de “então eu sou uma galinha”, ou o “se liga, você é uma puta!”.

A estrutura de apresentação deste objeto extraído se assemelha com o que falamos sobre o “Eu venho do Salsicheiro” e “Porca!”, ou sobre o insulto, tão característico da alucinação na psicose, tal Lacan o situa no *Seminário 3* e na *Questão preliminar*.<sup>3</sup> Vocês lembram que fizemos uma oposição entre uma palavra resto, S1, desencadeada - fora da cadeia - e a cadeia de fato. Essa palavra é o resto vocal arrancado do Outro que estrutura um dentro e fora.

Ao longo do tratamento, torna-se cada vez mais claro que suas constantes atuações, a princípio sem nenhuma significação, encontram uma certa convergência nessa significação que lhe é imposta: “puta”. Tal significação — que não reenvia a nada além de si mesma — impõe-se a M. a partir de uma exterioridade absoluta. Podemos tomá-la como um índice de forclusão, uma interpretação delirante que aparece como uma resposta à emergência do real, à irrupção de um gozo não simbolizado e que, para M, é avassalador.

Quando tomamos o “Eu venho do salsicheiro”, o sujeito está inserido na série dos significantes, mas a alienação é grande demais: quando sou envolvido pelos sentidos do Outro é bom, mas se é totalmente é angústia. É preciso alguma separação. Ela se articula com

alguma coisa que se extraia da cadeia dos sentidos que é justamente o que estamos chamando de alucinação, por aproximação dela com o objeto voz de Lacan.

Isso fica bem claro nesse caso, pois isso que se extrai não está tão destacado, como voz e talvez por isso, a mania. É o próprio corpo como um todo que se destaca do Outro e se vê entregue à “metonímia infinita e lúdica da cadeia significante”.<sup>4</sup> O objeto não se extrai.

Há ainda a possibilidade dessa extração não se fazer como um pedaço de fala do Outro, mas que a extração se faça como a de um pedaço de corpo do Outro, mas como o corpo do Outro e do sujeito só se distinguirão a partir disso, haverá toda uma necessidade de cortar, marcar, separar estes órgãos e membros que transitam no espaço transicional: mutilações, etc de que abundam as vidas dos esquizofrêncos. É a “solução” esquizofrênica que se opõe à paranóica, estruturada pelo par alucinação delírio. Lembrando que dentro da estrutura psicótica nada impede que se passe de um pólo a outro, do paranóico ao esquizofrênico.

O que importa é essa alguma coisa que se extrai e que nesse caso se formula. Apesar de desgarrada, essa voz extraída guarda uma relação com o discurso que permite sua apreensão nas franjas do compreensível, do legível como “puta!”.

No imperador isso parece palavra. Nesse caso tanto era algo do campo visual como do campo auditivo e ele não ouvia, mas não é algo claramente do campo da palavra. Se procurarmos por isso veremos que Lacan usou a idéia da injúria seca, a palavra de amor, a senha e o *puta* nesse caso de hoje. Ela não é exatamente uma construção de algo que se encaixa no todo. É quase uma coisa que por dedução tem que ser para estabilizar o resto todo.

Então aceitamos a ideia de uma voz que não se ouve, mas que está lá por que há uma palavra. É nesse ponto que terei que apelar para a música vez ou outra. Pois tendemos a dizer se uma coisa está, mas não é ouvida, se ela é presença mais do que sentido então não faz parte do discurso. Ou seja, que ela é presença além do discurso. De fato ela está além do texto, mas não existe no além do discurso. Isso é uma premissa nossa. Não há nada além do discurso, a não ser o que ele aponta como além dele. Isso apontado pelo discurso tem uma presença muito maior que o discurso. Nesse caso, *puta*. E a interpretação delirante não é nada além da montagem que faz com que alguma coisa se extraia criando algum sentido. Claro que o sentido é completamente louco e muito singular. Mas devemos entender a montagem, pois a partir dela essa base, palavra se encaixa no resto.

## A extração da voz

Retomando rapidamente o caso. Ela tem de tomar o lugar da mãe ao assinar o documento sobre a amputação: desencadeamento. Depois a mãe morre e surge a questão sobre a herança. Aqui surge o terror infantil do saci e a leitura de que ela era abusada pelo irmão. Uma

“avalanche de significantes que teve, nessa ocasião, como consequência imediata, efeitos no corpo (desarranjo intestinal, vômitos, forte dor de cabeça), acompanhados de um quadro de agitação e de extrema desorganização”.

A partir da construção com o termo *puta* ela faz toda uma significação sobre a maternidade, mulher, homem e o abuso sexual. Aparece a questão de como ser mãe e logo depois ela engravida. Temos novamente o tema do que é uma mãe.

Conclusão. Falta algo ainda, não temos o bastante para definir o que é seu ser. Uma mãe se apresenta com a significação mais provável, mas o que estabilizaria essa significação. Aqui entra o apelo à lei e ao pai nesse sentido. Laurent não hesita em incluir a própria gravidez nesse registro. Digo que todo o andamento querelante dela pode ser entendido como um apelo para que alguém diga o que é o que lhe acontece. Alguém que diga, por exemplo: “Houve abuso” ou que a sua relação com o marido foi de abuso ou não. Pode nos confundir o fato que ela diga que sabe, mas é mais uma certeza do que um saber. O saber só vem com a estabilização de um delírio. A certeza está lá, mas a significação, o conteúdo vem depois e

pode variar. Por isso ela endereça com seu processo o que provisoriamente chamamos de apelo.

No entanto, o pai aqui não é uma suprasignificação como no neurótico, mas se reduz ao juiz, “reduz-se ao Outro da lei, ou seja, transforma-se num processo”.<sup>5</sup> Não é bastante que ela faça apelo ao pai da lei para produzir um sentido do que ela é, ou o que é a relação dela com os outros. No entanto, quando a justiça intima a analista a reação é surpreendente:

Diante dessa intimação feita a mim para depor, M. ficou visivelmente preocupada e desconcertada. Pediu-me desculpas e mudou completamente a forma como vinha agindo até então, alegando que não queria “dar mais trabalho”. Ela disse que, diante da Justiça, queria falar a verdade e fazer valer sua palavra. Na Delegacia, fez seu depoimento. Relatou, então, que a denúncia de estupro não era verdadeira e que, por vezes, “exagerava os fatos”. Solicitou a retirada da queixa. Meu depoimento restringiu-se em afirmar que ela era capaz e estava em condições de dar tal declaração.

Ela então entra em um período de estabilização. “Trata, agora, principalmente de questões referentes à maternidade: como cuidar do bebê, o que fazer, o que dizer, etc.”

O que aconteceu? Primeiro temos que entender as reivindicações judiciais dentro do movimento delirante. É ele que estamos caracterizando como apelo talvez seja melhor dizer *endereçamento*. Ela não está pedindo conselho para a justiça. Não! Ela está insistindo que a justiça reconheça que ela foi abusada. Quando, porém, chega o juiz incidindo sobre a analista, ela muda de discurso e passa a admitir que estava mentindo. Seria temor da autoridade? Não creio, mas apenas que o endereçamento é que sustentava o delírio, se chegamos ao ponto de resposta da demanda não há mais como mantê-la. Agora ela será respondida ou não e algo novo terá que advir. Aqui ela encontra uma resposta, mas não do juiz, que talvez não desse em nada, mas sim da analista, que apenas sustenta-a como sujeito diante da lei.<sup>6</sup>

Que movimentação é essa em torno do abuso ou da perseguição? É a busca de algum tipo de nomeação que se obtém a partir do momento em que essa coisa de que falamos é extraída. Isso organiza o que é a relação sexual, pelo menos de uma forma básica. Isso foi de certa forma, buscado juridicamente. Lemos as reivindicações como endereçamento, pois o que está em movimento aí é a busca do corte que permita a estabilização de uma significação sobre o sexo. A marca, o traço fora do sentido que estabilizasse o sentido. Mas isso só funciona se houver assentimento do sujeito com este ato de fé na Lei, ou seja no Pai. É preciso que haja crença, mas o psicótico padece da falta de crença, *Unglauben* como diz Freud.

Nessa própria busca algo já se extrai e já se organiza e não apenas quando ela recebe a resposta. Quando vem de fato a resposta ela se organiza podendo dizer que não foi abuso. Mas isso é um sentido que vai ser construído no momento em que alguém diz: “Sim. O que você disse vale.” o que possibilita a ela construir uma série de significações acalmando-a.

Para nós, o importante do caso é que vejamos isso que se extrai não é como “parece que ela foi vítima passiva da invasão do Outro” - uma espécie de ortodoxia lacaniana que tentamos reformular. Não é alguém que ouve um grito e se sente invadido pelo gozo do Outro e a partir daí, tenta barrar o gozo para se estruturar. Não, ela se estrutura muito mais quando esse grito se dá para que aconteça todo um trabalho, ou seja, o grito como base da estruturação e não da desestruturação.

Escolhemos esse caso porque ele mostra menos alguém sendo invadido através da voz e mais alguém produzindo o lugar da voz. Estamos começando a perceber que voz não é alguém gritando no ouvido, mas alguma coisa surda que só é. Ela não ouve *puta*. Vamos assumir que *puta* é a voz da alucinação. Se ela ouvisse ela ouviria *puta* assim como a outra ouve *porca*! Mas então nos perguntaria como pode ele não ouve e está lá funciona exatamente como se ela tivesse ouvido e ela não ouve? Respondemos que não é porque é voz que precisa ser audível. O objeto voz segundo Lacan é mais uma pedaço de fala que insiste do que algo que transmite uma mensagem ou um texto (estamos reservando o termo texto para um discurso encadeado, ou seja, começo meio e fim, uma história) ela entra na conversa do mundo, no discurso do

mundo nesse ponto. Ela não podia estar na conversa do mundo porque lhe faltava algumas significações básicas, por exemplo, o que é uma mãe.

Poderíamos dizer ainda que porque ela “alucinou” porque sofreu um abuso. Aí deveríamos retornar ao que Lacan fala sobre “porca”. Ele diz que seria possível se fazer uma construção que relacionasse a palavra solta porca com a vida da paciente<sup>7</sup>. Ou seja, tentar dar conta, explicar, o real da alucinação através da história. Contudo a alucinação tem muito mais força que qualquer sentido que se construa. Em outras palavras, tem uma certeza em jogo na alucinação que é muito maior que todas as certezas possíveis produzidas pela história, pela unidade que confere o relato dos acontecimentos de uma vida.

Aparentemente, o caso demonstra o contrário, pois a palavra da analista, endossando a responsabilidade da paciente teve o efeito de fazê-la aparentemente abandonar “puta” como significação de seu ser para uma interrogação contínua sobre a maternidade nesse lugar. Mas o principal creio é o que diz a analista. Ela ratifica o endereçamento da paciente e por consequência a própria paciente. Este, me parece, ter sido o operador da “inscrição no campo do Outro, na medida em que sua palavra agora pôde ser reconhecida e referenciada a partir de uma lei”. Eu tiraria apenas “a partir de uma lei” e colocaria “a partir de alguém que conte, a analista”.

Vale a pena observar como essa “inscrição” teve efeito sobre a certeza. De uma certeza delirante sobre o “Putá” a um posição subjetiva marcada pela dúvida e perguntas sobre o que é ser mãe. É como se a alucinação, S1 bruto, fora da cadeia e esteio de um saber absoluto, houvesse - pela passagem no circuito: endereçamento à lei/endereçamento da lei à analista/engajamento da analista/retorno sobre o sujeito - houvesse se convertido em S2 “mãe”, que como nos neuróticos é um saber relativo que passa a buscar outro S2, por exemplo “aquela que cuida dos filhos”, mas não apenas. O segredo dessa estabilização está aí, no saber incompleto que aquele sujeito passa agora a sustentar.

Mas estamos condenados à dúvida neurótica? Nada da certeza do “puta” pode ser inscrita em nosso mundo sem que isso se dê pela via psicótica? Creio que a análise oferece essa possibilidade.

## **As formas da certeza**

Quais são as maneiras de se ter certeza na vida? Conversamos com alguém e algo nesse encontro dá uma certeza. Raciocina-se e monta-se um tecido de explicações. A certeza de que se trata na alucinação não é essa. Essa é a certeza que dá a alteridade especular, a certeza do semelhante, da reflexão (que envolve sempre um “colocar-se no lugar do outro para entender o que é isso que eu vivo”). Ela é basicamente a certeza imaginária.

Não desprezemos essa certeza. Ela é a certeza básica do dia a dia de todos nós. É a certeza do conhecimento, pois para Lacan o conhecimento é paranóico (no sentido de especular).<sup>8</sup>

Dadas essas duas certezas, a da presença do Outro como objeto a e a da a presença como alteridade fraca do semelhante, talvez haja uma terceira. A confissão seria seu modelo. Quando se confessa e diante do nome-do-pai se tem uma absolvição é outra certeza diferente da certeza da conversa com o amigo. Essa se enunciaria como “encontrei, ali, algo que não consigo dizer, um vazio, mas ele me deu certeza de que estava no caminho certo”. É a certeza da revelação de algo transcendente, que chamei acima de saber incompleto.

Nesse ponto estamos chegando mais próximo da certeza da qual os psicóticos nos atestam. Temos uma presença que se instaura sem palavras o que é diferente de uma certeza que foi deduzida de muitas palavras. Só que o alicerce dessa certeza é o puro vazio. É a apresentação de um indizível que provoca em nós um ato de fé. É a presença de uma ausência por intermédio do desejo do confessor que passa a encarnar o Nome do Pai.

Temos diferenças nas certezas. Se quiséssemos fazer como manual falaríamos agora de quatro certezas. Numa espécie de gradação.

No plano da certeza que nos interessa, a do Outro como resto e que não é nem a do outrinho-amigo, nem a do Outrão-Nome do Pai, faremos uma distinção. Essa certeza se aproxima do que vemos na psicose ou na psicanálise. Tem algo da certeza da psicanálise que é bastante semelhante à certeza delirante. Não no plano dos sentimentos que vão junto, mas da estrutura da certeza e não do fenômeno certeza (que pode ser, no caso da psicose, bastante sofrida e angustiada). Apesar da proximidade vamos distingui-las, afinal, apesar das aparências ninguém está dizendo que uma análise deva nos tornar loucos.

Retomemos as duas certezas acima mais uma vez. Existe uma estruturação dos nossos conhecimentos que dá certa garantia de que somos aquilo que somos e para isso é preciso que reenviemos continuamente ao Outro uma pergunta sobre si mesmo. De outra forma, é preciso que todo dia se olhe no espelho para saber que você é você de fato.

O espelho é o primeiro nome lacaniano para o Outro. Mas ele ganha logo a minúscula. Ele é o pequeno outro (pequeno em termos de estranheza de sua alteridade e não de desvalorização). “Diz-se bom dia para o cachorro e ele responde” Claro que em muitos caos o cachorro responde abanando o rabo, mas nem sempre. Isso é o outro pra Lacan e a partir dessa experiência se tem certeza que eu sou quem sou. É preciso que eu mande a mensagem e que ela volta exatamente como ela veio. Não vêem aí uma certeza? Temos a certeza mais frágil, claramente imaginária. É a certeza do conhecimento. Muito menos do que essa do bom dia. Só que quando você pensa muito e organiza uma espécie de texto sobre essa coisa às vezes se consegue que esse texto passe para o Outro, para mundo. O Outro começa a falar isso que você fala. Deixa-se uma marca no Outro. Esse é o problema do obsessivo. Pois ele vai teorizar tanto que ela vai engolir a teoria dele e concordar com ele. Tudo que ele quer é que ela aceite a teoria, para ele saber que algo pode passar para o Outro. Agora se passar ele não a larga nunca mais.

Vale a pena falar porque ela não engole. Se ela fizer isso ela está sendo destruída. E faz parte do jogo do obsessivo aniquilar o Outro. Nesse sentido não é uma coisa inocente de colocar algo a mais no outro. Esse retoque é justamente aquilo que acaba com a pintura. Mas é preciso isso para que o texto seja incorporado pelo Outro. É preciso que se desmonte o Outro para que ele receba seu texto.

Há uma certeza nisso, mas percebam que é uma certeza muito violenta e ela precisa de muito mais esforço. Se ela der certo teríamos outro nível de certeza.

Temos a certeza da alucinação e precisamos falar o porquê ela não é de nenhum desses dois tipos. Apesar da luta desta paciente, vemos que não é o bastante para ela alguém lhe dê bom dia. Apesar de ela, a paciente, exigir o que se diga que ela tem razão, por exemplo, não é para destruir o Outro e a, partir daí, com o assentimento do Outro, conseguir um lugar de certeza. Não ela já tem a certeza. Ela quer que essa certeza ganhe um lugar no mundo o que é diferente de ela mesma ganhar um lugar no Outro. Na certeza dela, desmontar o Outro não é preciso ela só precisa pegar o link, o ponto de conexão. Então num certo sentido é muito menos violento que no caso do teórico que precisa aniquilar os predecessores. Outra coisa é você se religar aos seus antecessores desde que você enfiar neles um link, ou entre você e eles o link. A respeito disso vale a pena ler *Kafka e seus precursores* de Jorge Luiz Borges.

Vê-se nele justamente a idéia de que você cria um novo Kafka quando você se diz filho dele. Quando você se insere numa teoria você a reformula de certa forma. Isso é diferente da idéia do obsessivo em que ele precisa desmontar a teoria toda. Não deixar pedra sob pedra. Essa certeza é forte, mas ela é produzida muito mais sob a base da mediação construída entre o real e o Outro do que a destruição do Outro e a construção de um novo. Sabemos disso o psicótico não quer fazer um novo ele já fez. Ele só precisa que toda essa cosmologia ganhe um lugar no Outro.<sup>9</sup> Às vezes é só se construir um radinho para transmitir a cosmologia. Um ou



dois ouvem para dizer que esta tudo bem. Não é preciso que todas as autoridades do mundo aceitem a cosmologia. Não! O psicótico só quer que você aceite.

Não é o delírio que faz o link. Ele é a produção que se pode fazer em torno desse gancho. Essa voz é estranha, uma coisa resto. Ela é mais uma presença em pessoa do que exatamente texto. Claro, pois é ela que vai fazer link entre dois textos. O texto atual do delírio e o texto do mundo.

### **A conexão da voz**

E na análise? Estamos mergulhados até o pescoço em incertezas e nela ficamos, sem ceder (e se cedemos o analista está lá para sustentar que se persista). Em ali ficando, vez ou outra, irrompe uma certeza, produzem-se algumas certezas que podem surgir no começo, meio ou fim da análise ou mesmo fora do consultório.

Certezas se produzem em análise. Isso acontece. Como situá-las, entendê-las? Podemos aplicar a repartição acima. Há aquelas do espelho e há aquelas que vêm da função do Outro com maiúscula, e que vem como revelação. A estrutura dessa mensagem-revelação, que não nos chega do outro conhecido, mas do não-conhecido é dada por Lacan em seu esquema L.<sup>10</sup> É o que lhe faz dizer que o analista deve estar no lugar do grande Outro. A seguir, será o sujeito suposto saber, que é o vazio do saber sustentado por alguém e que é melhor entendido se nos aproximamos da estrutura da confissão. Afinal, ele é aproximado da função do Nome do Pai e este, de Deus.<sup>11</sup>

Mas estamos falando de uma certeza que se forjaria sem o pai, ou ao menos sem que a função da revelação de um vazio seja a base.

Para abordar essa operação, comparemos com a estrutura da alucinação, que destacamos com Lacan. Por exemplo: “Lembro que naquele dia enquanto sentava no colo do meu pai ele me se excitou”. Esta cena, marca o trauma ela se origina de um trabalho em que toma-se em perspectiva toda uma série de cenas paternas até que surja essa cena “primária” com relação às outras, em que o pai é carinhoso, impotente ou o que quer que seja, mas jamais tão sexualizado. Essa cena ressignifica todas as outras para melhor e para pior. Revivem-se sofrimentos alegrias.

Isso que geralmente aparece é uma coisa bruta, quase fora do sentido e por isso aparece como algo sexual que é nosso nome para o que não tem sentido e que toma o corpo. É por isso que Lacan destacou o termo gozo. O gozo para Lacan é isso, o sexual como o fora do sentido no corpo. Essa extração de um gozo incompreensível, inadmissível, mas “em cena” – ou, como diz Lacan de uma inarticulável que é, no entanto, articulado - não é relativamente análoga à extração da voz como alucinação? Essa cena não um valor de S1?

É claro que essa coisa é mais ou menos bruta e ela gera certa quantidade de texto e a seguir outra cena e assim por diante, mas a analogia vale. Ela fala do que Lacan descreve como a extração do objeto. O objeto a, como índice do gozo (e este por sua vez índice do fora de sentido do gozo).

No caso da alucinação o extraído seria o objeto a como voz. O objeto, uma espécie de resto. Se os objetos da psicanálise pudessem se alinhar a voz seria o mais antigo.<sup>12</sup>

Voltando ao caso de hoje. Se propus que um encaminhamento para a certeza alucinatório-delirante se produza de fato quando ela vai à delegacia é para destacar o quanto o analista como apoio para a localização/produção dessa certeza. Algo de sua presença é necessária para que a extração da voz possa se dar de maneira vivível. A estrutura dessa extração conta, na análise, com o corpo do analista. O corpo do analista é o primeiro nome dessa coisa estranha, bruta.

Quando Lacan fala de reconhecimento o que ele testa tentando fazer é acionar o grande Outro sem ser pelo nome-do-pai. Essa seria a certeza do padre ou da cartomante num certo sentido.

Há várias coisas faladas, por exemplo, depois elas se organizam e fazem sentido. A questão é ter uma âncora de certeza. O padre faz isso que falamos, ouve, reconhece e endossa. Enquanto que o objeto do qual nos ocupamos na igreja seria a hóstia. O corpo de cristo, algo que remete para um outro lugar, que sabemos que se extraiu de nossa comunidade para que ela pudesse existir.

Essa extração vai ser feita da nossa história da nossa vida na análise com a presença corporal do analista. Quando Lacan propõe “tu és minha mulher” como paradigma da fala plena, ele imagina uma situação onde se está enunciando isso que o Outro ter sem a extração do objeto. Supondo que essa coisa é vazia. Naquela época do *Seminário 3* ele achava que era vazia, no *Seminário 10* ele diz que essa coisa é um objeto.<sup>13</sup>

## O Corpo do Analista e o DSM

Recapitulando: 3 certezas mais uma. A certeza do bom dia, imaginária; a certeza do ritual, da liturgia; a certeza do saber delirante e teríamos a última que seria a certeza produzida pela extração do objeto. Lembrando que a certeza do objeto estaria mais próxima daquela da injúria ou mesmo da alucinação que das outras.

No caso temos uma série maníaca. Depois a montagem delirante com a alucinação que não é claramente uma audição. Depois tem como que a série se monta em torno de um significante que dá sentido aos outros, mas que é em si é sem sentido. Tudo isso por causa da injúria *puta*. Mas o problema não é por que digamos ser puta é horroroso- em seu aspecto de sentido. É um bloco. A partir daí tem o envolvimento da analista.

Dizendo que a extração do objeto a certeza da análise é um pouco análoga a essa situação. Temos que tentar demonstrar como que o corpo do analista entra aí.

Que tal pensarmos que a análise está na contramão de tudo que oferecer doença? Quando você tem um sintoma o analista propõe que você o olhe sem o considerar com uma doença passageira. Se nesse sintoma tem alguma coisa radicalmente estranha a você que você não quer que ele ali estivesse, mas ao mesmo tempo essa coisa é sua e não do mundo- é uma perturbação da lógica. Não é isso que fazemos?

A contemporaneidade diz que suas doenças são do DSM logo do mundo. Outra saída seria dizer que a doença é um engano algo passageiro, você não tem culpa. A psicanálise não é isso. O analista diria isso é horrível mesmo não é do mundo tem a ver com você. Já se cria algo estranho. Porém é tão estranho que precisa de alguém que a sustente. Não faremos com que se acredite que é uma doença do mundo nem que seja uma coisa passageira. Isso que ele vai fazer: sustentar esse estranho. Isso já foi feito inclusive para ele. A presença do analista assegurando o sintoma como coisa estranha nesse espaço que se começa jogar todas as coisas estranhas da sua vida. Se ele disser, por exemplo, eu sei o que é e vou te explicar não teremos análise. Se uma análise faz algo do privado surgir no público, faz algo singular encontrar lugar no universal, o primeiro passo é tomar o sintoma, que é universal, como presença do singular em uma vida e isso não como corpo estranho, no sentido de exterior, mas como do corpo e ainda assim estranho. Radicalmente estranho e ainda assim próprio. E o primeiro guardião dessa estranheza será o analista com seu corpo, tão estranho e tão íntimo.

---

\* Quarto Seminário: A presença do Outro. Realizado no dia 21 de abril de 2009. Transcrição e pesquisa inicial de referências por Leandro Reis.

<sup>1</sup> Souto, Simone, “Forclusão: uma cena primária é imposta” in. “Há algo de novo nas psicoses”. *Revista Curinga*, nº 14. Minas Gerais. Abril de 2000, pp. 46-51. Tanto este caso quanto os comentários de Sérgio Laia podem ser baixados no site da EBP ([www.ebp.org.br](http://www.ebp.org.br)).

<sup>2</sup> Laurent, E. “Há algo de novo nas psicoses”, *op. cit.* p. 67 e 68. Classicamente “paranóia” designa um vasto campo que o DSM hoje recobre com o termo “esquizofrenia”. O que chamamos aqui de pólo paranóico receberia o diagnóstico atual de esquizofrenia paranóide ou transtorno delirante persistente.

<sup>3</sup> Lacan, J. *O Seminário 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: JZE, 1985, p. 59 e seguintes e Lacan, J. (1957-1958) De uma Questão preliminar a toda tratamento possível das psicoses, *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p. 579 e seguintes.

<sup>4</sup> Lacan, J. *O Seminário 10: A angústia*. Rio de Janeiro: JZE, 2005, p. 364. Cf. igualmente Vieira, M. A. *A ética da paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 223.

<sup>5</sup> Laurent, E. *op. cit.* p. 68.

<sup>6</sup> "...esse sujeito, neste exato momento, sustenta sua palavra diante do tribunal, graças à garantia da analista" *Ibid.*

<sup>7</sup> "Devemos nos deter aí? Não certamente. Esta análise pode nos fazer compreender que a paciente se sente cercada por sentimentos hostis. Mas a questão não está aí. O importante é que Porca tenha sido realmente ouvido, no real" Lacan, J. 1985, p. 62.

<sup>8</sup> Cf. a esse respeito: Teixeira, A. "O conhecimento paranóico", *A soberania do inútil*, Annablume, São Paulo, 2007, PP. 137-150.

<sup>9</sup> Trata-se, na verdade, de um efeito do significante, na medida em que seu grau de certeza (segundo grau: significação de significação) adquire um peso proporcional ao vazio enigmático que se apresenta inicialmente no lugar da própria significação" Lacan, J. 1998, 545.

<sup>10</sup> Cf. Lacan, J. 1998, p. 555 e 559.

<sup>11</sup> Cf. Lacan, J. *O seminário livro 23*, Rio de Janeiro, JZE, 2007, p. 131-132.

<sup>12</sup> Ver lição I deste curso.

<sup>13</sup> Cf. Vieira, M. A. *Restos – uma introdução ao objeto lacaniano da psicanálise*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, verbete "objeto".